

JUSTINO MÁRTIR: UM FILÓSOFO EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ

*Prof. Dr. Erico Tadeu Xavier**

Resumo

A história da igreja foi marcada pelos sofrimentos e martírios sofridos pelos primeiros cristãos. Apesar disso, o Evangelho foi pregado a todo o mundo conhecido, sendo levado a autoridades e não cristãos de formas diferentes. A apologia foi utilizada por filósofos cristãos, entre eles Justino, que, embora tenha sofrido perseguição e morte, manteve-se firme nos ideais cristãos, acreditando ter encontrado a verdadeira filosofia. Justino é expresso como exemplo de que o Evangelho de Cristo deve ser estudado, aceito, pregado e defendido, mesmo sob as piores circunstâncias.

Palavras-chave

História da Igreja. Justino Mártir. Apologia.

Abstract

Church history was marked by suffering and martyrdom endured by early Christians. Nevertheless, the Gospel was preached to all the known world, being led to authorities and non-Christians in different ways. The apology was used by Christian philosophers, among them Justin, although that has suffered persecution and death, stood firm on Christian ideals, believe they have found the true philosophy. Justin shows up as an example of the Gospel of Christ should be studied, accepted, preached and defended even under the worst circumstances.

Keywords:

Church History. Justin Martyr. Apology.

1 Introdução

A história da igreja nos primeiros séculos é cercada de perseguições e martírios, ao lado da expansão do cristianismo nas regiões greco-romanas. Relatos de historiadores mostram os fatos que ocorreram durante e, principalmente, após a vida, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, que levaram à expansão do cristianismo, não sem dificuldades dos

primeiros cristãos na propagação do evangelho de Cristo e manutenção da fé, à custa de sofrimentos e da própria vida.

Ao discorrer sobre a história da Igreja cristã nos primeiros séculos, é relevante analisar os cristãos que defenderam o cristianismo, mesmo em prejuízo da própria vida, diante das autoridades e filósofos da época. A perseverança na fé cristã dos mártires foi um ponto importante para a continuidade da religião cristã, e serve de exemplo para a defesa do cristianismo nos dias atuais, quando vivenciamos o tempo do fim, predito por Cristo Jesus.

2 A História da Igreja nos primeiros séculos: Missão e Martírio

Os fatos históricos ocorridos com a igreja nos primeiros séculos foram narrados por Eusébio de Cesareia, com o objetivo de registrar os feitos e sucessão dos santos apóstolos, bem como as heresias, perseguições e proteção de Deus ao povo cristão¹. A Bíblia Sagrada também é fonte de estudo na história da Igreja, já que relata a história da humanidade e como Jesus veio a fazer parte dessa história. Ao tempo em que Jesus nasceu, os judeus estavam sob a submissão do governo de Roma. Tanto os judeus em Jerusalém quanto os demais espalhados pelo mundo procuravam manter sua fé e tradição em meio a variadas culturas, recebendo, no entanto, a influência destas. Em Israel, havia diversas ideologias, entre elas a dos saduceus, fariseus, essênios e zelotes, que buscavam manter a fé e o patriotismo, fomentando nos judeus o desejo de libertação do poder romano².

O cristianismo, embora tenha surgido com Jesus Cristo, foi reconhecido como nova religião mediante a perseverança e fé dos apóstolos e discípulos de Jesus, ao enfrentar a perseguição e martirização para dar continuidade aos ensinamentos de Cristo. Conforme relata Eusébio de Cesareia, é uma invenção do passado, tendo surgido já com a criação do homem e passada aos descendentes pela palavra e ação de homens que se dispuseram a andar com Deus. Tanto estes antigos patriarcas quanto os seguidores de Cristo viviam segundo os mesmos preceitos, sendo que a religião ensinada por Cristo não é nova nem estranha, mas a única, primeira e verdadeira³.

¹ Eusébio de Cesareia. *História eclesiástica: os primeiros quatro séculos da igreja cristã*. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

² Gonzáles, Justo L. *A era dos mártires*. v. 1. Trad. Key Yuasa. São Paulo: Vida Nova, 1995.

³ Eusebio de Cesareia, 2002. p. 20.

Ao sofrer o suplício da cruz, Jesus Cristo cumpriu as profecias dadas pelos antigos profetas e, ao ressuscitar, deu continuidade⁴, mediante o Espírito Santo, à obra de disseminar o Evangelho a todas as nações e ensinar a guardar os mandamentos de Deus (Mt. 28:19-20; Mc. 16:15-20), por intermédio dos apóstolos e discípulos, tendo estes a recomendação de aguardar em Jerusalém a promessa do Espírito Santo (Lc. 24: 49), fato ocorrido durante a Festa de Pentecostes (At. 2) que levou à conversão milhares de pessoas.

Os primórdios da história cristã tiveram a influência do poder romano e desse vieram tanto a perseguição e martírio dos cristãos quanto a possibilidade de expansão do evangelho de Cristo. Curtis assinala que “talvez o cristianismo não se expandisse de maneira tão bem sucedida caso o Império Romano não tivesse existido. Podemos dizer que o Império Romano era um tambor de gasolina à espera da faísca da fé cristã”⁵.

O Império Romano contribuiu, inicialmente, para a fé cristã, em quatro aspectos importantes: com a abertura religiosa inicial, em decorrência do politeísmo; com a busca romana por crenças orientais; pelo comércio e envio de tropas às colônias do império; e pela difusão do latim e do grego como línguas universais⁶.

Com o passar dos anos, entretanto, crescimento dos cristãos passou a ser considerado ameaça ao poder romano⁷. Dentro do próprio

⁴ Eusebio de Cesareia (2002, p. 28), falando acerca do surgimento do Cristianismo, relata sobre Jesus: “Este era o Cristo. Havendo-lhe infligido Pilatos o suplício da cruz, instigado por nossos líderes, os que primeiro o haviam amado não cessaram de amá-lo, pois ao fim de três dias novamente apareceu-lhes vivo. Os profetas de Deus tinham dito estas mesmas coisas e outras incontáveis maravilhas sobre ele. A tribo dos Cristãos, que dele tomou o nome, ainda não desapareceu até hoje”.

⁵ Hatzenberger, Dionísio. *História da igreja*, 2012, p. 1.

⁶ Idem, p. 1

⁷ O Império Romano percebeu que a nova religião possuía diferenças acentuadas em relação ao judaísmo. Embora os judeus resistissem à cultura e religião greco-romanas, o cristianismo passou a se organizar como religião, crescendo em número e em organização, sendo formadas igrejas em vários lugares. O evangelho chegou aos grandes centros da época e até os confins da terra em virtude da pregação de cristãos que viajavam a negócios, em missão ou levados pela perseguição que dispersava os cristãos, fazendo com que a fé se expandisse. A perseguição do poder romano se deu tanto a cristãos quanto a judeus, e acabou se concentrando nos cristãos, por serem estes considerados um risco pelo fato de transcenderem as fronteiras judaicas, levando a religião também a outros povos e incitando a revolta contra Roma. Nero foi o primeiro dos perseguidores, tendo prazer em martirizar os cristãos. Outros imperadores o sucederam no martírio, e o imperador Trajano ordenou que os cristãos deveriam ser acusados perante as autoridades, castigados pela rebeldia e

sistema judaico, a perseguição aos apóstolos e discípulos de Cristo fica evidente nos relatos dos Atos, com a perseguição e prisão de Pedro e João, o martírio de Estêvão, a prisão de Paulo, entre outros fatos. A compreensão de que o cristianismo era diverso do judaísmo levou os governantes romanos a repensarem sua atitude em relação à nova religião iniciada, especialmente pela quantidade de pessoas que se convertiam pela pregação dos apóstolos. O incêndio em Roma, no ano de 64 d.C., serviu como motivo para o imperador Nero perseguir os cristãos, sendo que, de 64 a 68, os cristãos sofreram perseguição e martírio, servindo de espetáculo para o povo. A destruição de Jerusalém e do Templo serviu para impulsionar o evangelho a ultrapassar as fronteiras israelenses, sendo este levado a judeus e gentios.

Conquanto crescesse o número de fiéis, os martírios e sofrimentos infligidos aos cristãos eram muitos, sendo que os primeiros alvos desses sofrimentos foram os próprios apóstolos e discípulos diretos de Cristo. Consta nos escritos históricos e na tradição a martirização de vários dos apóstolos, que perderam suas vidas por meio da cruz, do fogo, apedrejamento e outras formas cruéis, além da prisão sob condições desumanas⁸. A Igreja dos primeiros três séculos passou, portanto, literalmente, pela cruz, como reforça Xavier⁹: “até o terceiro século da era cristã a cruz realmente pautou a atuação da igreja. E é prova evidente disso o fato de tal período ter ficado conhecido como a ‘era dos mártires’”.

A esse respeito escreveu Ellen White:

A história da igreja primitiva testemunhou do cumprimento das palavras do Salvador. Os poderes da Terra e do inferno arregimentaram-se contra Cristo na pessoa de Seus seguidores. O paganismo previa que se o evangelho triunfasse, seus templos e altares desapareceriam; portanto convocou suas forças para destruir o cristianismo. Acenderam-se as fogueiras da perseguição. Os cristãos eram despojados de suas posses e expulsos de suas casas. Suportaram “grande combate de aflições”. Hebreus 10:32. “experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões”. Hebreu 11:36. Grande número deles selaram seu testemunho

mortos, se não negassem a Cristo. A política de Trajano perdurou até o fim do século, mas, embora não houvesse perseguição direta da Igreja, os períodos de perseguição foram marcados por mortes e sofrimentos daqueles que se recusavam a abandonar a fé e negar o Cristo. (Ver mais em González, 1995).

⁸ Referência ao martírio dos apóstolos pode ser encontrada em Justo Gonzalez: *A Era dos Mártires*, 1995; Érico T. Xavier, *Teologia da Prosperidade: História, Análise e Implicações*, 2009; Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, 1976, entre outros.

⁹ Xavier, 2009, p. 138.

com o próprio sangue. Nobres e escravos, ricos e pobres, doutos e ignorantes, foram de igual modo mortos sem misericórdia¹⁰.

A realidade apresentada aos cristãos era dura, mas sua resistência estava firmemente calcada sobre a rocha, que é Cristo e, conquanto “os obreiros de Deus eram mortos, a Sua obra ia avante com firmeza. O evangelho continuava a espalhar-se, e o número de seus aderentes a aumentar”¹¹. A doença, dificuldades e martírio fizeram parte da vida dos cristãos nos primeiros séculos e ao longo da história, porém, a virtude do Evangelho não deixou de ser pregada, de uma forma ou de outra, pelo exemplo, pela palavra falada ou escrita¹².

3 A Apologética dos cristãos dos primeiros séculos

Embora a doutrina de Cristo tenha sido dada como pura e verdadeira, e os apóstolos disseminassem Seus ensinamentos da maneira mais fiel possível, a Igreja incorporava todo tipo de pessoas, e a angústia da perseguição e martírio, aliada ao convívio de doutrinas estranhas ao Evangelho, se bem que mascaradas sob o véu do cristianismo, serviram de ponte para a aceitação de muitas práticas contrárias ao verdadeiro culto. Isso ocorreu porque, em todas as épocas, e mesmo na condição mais aprazível, a igreja está composta de pessoas de caráter diversificado que, pela condescendência com o pecado e as facilidades do mundo, deixam as claras verdades serem mescladas com mentiras e enganos¹³.

Essa realidade fez com que o cristianismo fosse alvo de críticas e contradições, sendo associados aos cristãos suspeitas de imoralidades, vícios, sacrifícios, rebeldia e ignorância. Os cristãos eram chamados de ateus pelos filósofos e pelo povo, por não cultuarem um deus visível, por não participarem de atividades sociais ligadas ao paganismo, não comerem comida sacrificada aos ídolos e não terem parte no exército. Dentro da própria igreja, havia discussões doutrinárias e interpretativas que prejudicavam a pureza do Evangelho¹⁴.

¹⁰ White, Ellen. *O conflito dos séculos*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985, p. 37-38.

¹¹ Idem, p. 39.

¹² Justo Gonzalez (1995) relata alguns fatos do período, destacando alguns nomes que tiveram importância na confissão da fé, mesmo diante do martírio, entre eles: Inácio de Antioquia, discípulo do apóstolo João, que, embora perseguido, preso e martirizado, escrevia às igrejas e dava testemunho vivo de Jesus Cristo diante do povo e das autoridades; Policarpo, de Esmirna, que morreu na fogueira, dando graças e glorificando a Deus.

¹³ A esse respeito, ver Ellen White, *O Conflito dos Séculos*, 1985, cap. 2.

¹⁴ Gonzales (1995) refere-se a duas principais correntes de pensamentos heréges que tentaram seduzir a igreja já nos seus primórdios: o gnosticismo e os ensinamentos de Márciom.

Para combater essas acusações e visão distorcida do cristianismo e defender a postura dos cristãos, alguns filósofos cristãos se levantaram mediante exemplo de vida e por via de seus escritos, chamados de apologeticos¹⁵. Por defenderem a legitimidade do cristianismo, passaram a levar às autoridades e aos não cristãos dos ataques à Igreja cristã, lançados pelo judaísmo, paganismo, estado e filosofia grega, a defesa do Evangelho e dos cristãos foi por demais necessária¹⁶.

Os apologetas queriam manifestar diante da opinião pública a verdadeira natureza do Cristianismo. Eles tinham a preocupação de demonstrar a conformidade do Cristianismo com o ideal helênico. Proclamavam – na maioria dos casos – a aliança do Cristianismo e da Filosofia. Queriam mais do que somente tolerância. Mostravam que os cristãos eram os melhores cidadãos do Império e que o Cristianismo favorecia a grandeza do Império¹⁷.

A defesa da fé e da Igreja cristã mediante a literatura apologetica teve início com Quadrato, em 124/125 d.C, sendo apresentada ao imperador Adriano durante sua estada em Atenas uma defesa voltada a afirmar a realidade das curas e ressurreições realizadas por Jesus, em defesa da verdade do cristianismo. Ao mesmo tempo, Aristides apresentou também sua apologia, onde acentua que “[...] os cristãos conhecem verdadeiramente a Deus e observam seus mandamentos. Deve-se pois deixar de caluniá-los e, ao contrário, aproximar-se de sua religião, para não ser condenado no Juízo”¹⁸.

De 150 a 165, destacou-se Justino, que defendia o cristianismo como “a verdadeira filosofia”. Justino foi considerado como o principal dos apologetas gregos do século II. Após passar por longa peregrinação espiritual, analisando variadas doutrinas (estoicas, aristotélicas, pitagóricas e platônicas), Justino se convenceu de que o cristianismo era

Mediante explicações filosóficas, não baseadas na Palavra de Deus e nos ensinamentos de Jesus, mas, deturpando esses ensinamentos, ambos negavam a criação, o nascimento virginal de Cristo, a ressurreição e o juízo final.

¹⁵ Apologetica é um termo de origem grega (apologéo) que significa defesa. Trata-se de uma doutrina ou arte da defesa utilizada pelos filósofos cristãos em defesa do cristianismo, confrontando doutrinas e ideologias que se opõem ao evangelho. Essa defesa ocorre de maneira intelectual, argumentada, sob bases teológicas, científicas e filosóficas (BORTOLLETO; SOUZA; KILPE, 2008, p. 58).

¹⁶ Champlin, R.N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, v.1, p. 234-236. 1995.

¹⁷ Fluck, Marlon Ronald. *Teologia dos pais da Igreja*. Curitiba: Escritores Associados, 2009, p. 31.

¹⁸ Moreschini, Cláudio; Norelli, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina*. I – de Paulo à Era Constantianiana. São Paulo: Loyola, 1996. p. 276.

mais proveitoso do que as demais filosofias, e passou a defendê-lo de maneiras diversas, por meio de seus ensinamentos, em seus escritos e em sua vida e morte como mártir¹⁹. Dele se conservam três obras: duas apologias e um relato de discussão com um rabino judeu, chamado "Diálogo com Trifon"²⁰. Das apologias, uma é direcionada a Antonino Pio e seus filhos, Marco Aurélio e Lúcio Vero, e ao senado, e outra dirigida a Marco Aurélio. Em suas defesas, Justino reivindica aos cristãos tanto as verdades contidas na filosofia dos gregos e bárbaros quanto as verdades dos hebreus, contidas nas Escrituras. Demonstra a virtude dos cristãos, sua esperança de um reino eterno e futuro, não humano, e apresenta a doutrina e prática cristãs, mostrando, por inferências e exemplos, a verdade contida no cristianismo²¹.

Outros apologistas da mesma época que se destacaram foram: Taciano, discípulo de Justino, que compôs "Discurso aos gregos"; Atenágoras, que escreveu "Defesa dos cristãos" e um tratado "Sobre a ressurreição dos mortos". Por volta do ano 180, o bispo de Antioquia, Teófilo, escreveu "Três livros a Autólico", tratando da doutrina cristã de Deus, a interpretação das Escrituras e a vida cristã, refutando as objeções dos pagãos sobre essas questões. No século terceiro, Orígenes, de Alexandria, escreveu uma refutação "Contra Celso". Todas essas obras foram escritas em grego, sendo que, na língua latina, se destacam dois escritos apologéticos: a "Apologia", de Tertuliano, e o "Otávio", de Minúcio Félix²².

Como gênero literário, portanto, as apologias alcançaram os imperadores, filósofos e pessoas cultas da época, assim como pessoas de fora dos círculos cristãos. Suas principais intenções eram fazer com que o cristianismo fosse visto como um ideal de vida, que podia ser aceito e vivido em conformidade com a cultura greco-romana, sem necessidade de serem os cristãos perseguidos, mortos ou marginalizados.

¹⁹ González, 2005.

²⁰ González, 1995.

²¹ Moreschini; Norelli, 1996. p. 277.

²² Destaca González, 1995, p. 87 que todas estas obras são importantes porque é quase exclusivamente por meio delas que conhecemos os rumores e críticas dos quais os cristãos eram objeto, e também porque nelas vemos a igreja enfrentando pela primeira vez a tarefa de responder à cultura que a rodeia.

4 Justino: vida, conversão e martírio

Justino Mártir (100-165 d.C.), como é conhecido, foi um filósofo que viveu no período do Imperador Antonino Pio e de Marco Aurélio, no século II. Acredita-se que ele nasceu depois do ano 100 d.C., em Flavia Neapolis (atual Naplusa), na Síria-Palestina, ou Samaria, a Siquém dos tempos bíblicos (Palestina)²³. Seu pai foi Prisco e seu avô Báqui. De família pagã e grega, cresceu em Samaria, tendo contato com judeus e samaritanos. Sua educação incluiu retórica, poesia e história e, quando jovem, mostrou interesse por filosofia, estudando diversas teorias filosóficas até conhecer o cristianismo. A ânsia pela verdade levou-o a buscar respostas nas escolas estoica, peripatética, pitagórica, neoplatônica, e peregrinava indo onde quer que pudesse encontrá-la. Chegando a Éfeso, encontrou discípulos do apóstolo João, entrando em contato com “um cristianismo de atos e não só de palavras”²⁴. Um cristão idoso, do qual não menciona o nome, indicou-lhe a leitura das Escrituras e dos profetas e, mediante o estudo da Bíblia e do contato com os cristãos, Justino encontrou a verdade que buscava, convertendo-se ao cristianismo²⁵, muito embora continuasse a usar o manto de filósofo como símbolo de pregador itinerante. A respeito de sua conversão, comenta Walde que

Justino foi introduzido na fé diretamente por um velho homem que o envolveu numa discussão sobre problemas filosóficos e então lhe falou sobre Jesus. Ele falou a Justino sobre os profetas que vieram antes dos filósofos, ele disse, e que falou “como confiável testemunha da verdade”. Eles profetizaram a vinda de Cristo e suas profecias se cumpriram em Jesus. Justino disse depois que “meu espírito foi imediatamente posto no fogo e uma afeição pelos profetas e para aqueles que são amigos de Cristo, tomaram conta de mim; enquanto ponderava nestas palavras, descobri que a sua era a única filosofia segura e útil [...] é meu desejo que todos tivessem os mesmos sentimentos que eu e nunca desprezassem as palavras do Salvador”. Justino buscou cristãos que lhe ensinaram história e doutrina cristã e então “se consagrou totalmente a expansão e defesa da religião cristã”²⁶.

²³ Walde, Rick. Justino mártir: defensor da Igreja. 2000; Fluck, 2009.

²⁴ Fluck, 2009, p. 32.

²⁵ Justino tinha um desejo ardente de aprender a essência da filosofia e buscava filósofos de grande fama para serem seus mentores, no entanto, andando à beira-mar, um ancião cristão lhe chamou a atenção pela presença agradável, doçura e seriedade, e Justino ouviu sobre a vida de Jesus Cristo, seus ensinamentos e o plano da redenção, e abraçou o evangelho de Cristo como a mais perfeita filosofia. Vila, Samuel. Santamaría, Dario A. *Enciclopèdia Ilustrada de Història de la Iglesia*. Barcelona: Editorial Clie, 1989, p. 402.

²⁶ Walde, 2000, p. 1.

Em sua caminhada cristã, ensinou estudantes em Éfeso e chegou a Roma em 150 d.C., onde fundou uma escola filosófica, debatendo com não-cristãos, tanto pagãos, quanto judeus ou hereges, em defesa do cristianismo. Para Justino, o cristianismo era a “verdadeira filosofia”, sendo que os cristãos eram “os autênticos herdeiros da civilização greco-romana”²⁷. Considerava que os adversários do cristianismo insultavam a razão e a moral. Phillip Schaff²⁸ comenta que a cultura clássica e filosófica adquirida por Justino antes de sua conversão foi colocada a serviço da defesa da fé, sendo que sua convicção na verdade de Cristo era completa e confessou sua fé tanto em vida quanto no martírio da morte.

A procura incansável pela verdade levou Justino a se tornar um distinto filósofo do pensamento grego, adotando, principalmente, a filosofia de Platão, que, para ele, tinha muita semelhança com os ensinamentos judaicos no que diz respeito à Palavra de Deus (*Logos*, Verbo). Isso fica evidente na *Apologia*, escrita a Antonino Pio, na qual afirma que sua conversão da filosofia grega ao cristianismo se deu com juízo e razão: “porque também eu mesmo, que me comprazia nos ensinamentos de Platão, ao ouvir as calúnias contra os cristãos e vê-los irem intrépidos para a morte e para tudo que é terrível, comecei a pensar [...]”²⁹.

Seu raciocínio filosófico levou-o a traçar comparativos entre a filosofia e a fé. Os melhores filósofos já falavam de um ser supremo que está acima de todos os seres e do qual todos derivam a existência. A vida além da morte física já era afirmada por Sócrates e Platão, que compreendiam a existência de outra realidade eterna além deste mundo. Justino também demonstrava crer nessa realidade, com o diferencial de que o centro da esperança cristã não é a imortalidade da alma, mas a ressurreição do corpo³⁰. A doutrina do *Logos*, baseada na razão, na

²⁷ Fluck, 2009, p. 32.

²⁸ Schaff, Phillip. *Ante-Nicene Christianity: A.D. 100-325*. v. II. In: History of the Christian Church. Grand Rapids: Eerdmans, 1910, p. 714.

²⁹ Eusébio de Cesaréia, *História eclesíastica*. Trad. Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002, p. 80.

³⁰ Muito embora sua compreensão do *Logos* seja mais ampla e direcionada a Cristo, Justino tinha um pensamento teológico limitado quanto ao seu entendimento sobre a alma preexistente, o que parece ter sido comum a alguns teólogos cristãos dos primeiros séculos, como comenta Champlin: “para diversos teólogos cristãos, como Justino Mártir, Clemente e Orígenes, a alma seria parte da criação angelical, não tendo substância diversa da dos anjos, quanto à sua natureza básica. Os anjos e os homens caíram no pecado, e, nessa queda, os homens finalmente assumiram corpo físico, o que é sinal evidente da degradação e

compreensão racional do universo, foi utilizada por Justino para explicar e defender que a ideia de que a filosofia humana está a serviço de Deus e conduz a Cristo. Mediante o Logos, Justino ensinava que “a razão fundamental do universo, o verbo ou palavra (logos) de Deus, se fez carne em Jesus Cristo”, conforme descreve João 1:14³¹.

Ainda sobre o Logos, Justino explicava que, assim como esse verbo (Jesus) é a luz que ilumina todo aquele que vem ao mundo, sendo a fonte de todo conhecimento verdadeiro, os antigos hebreus já criam em Cristo antes mesmo de sua encarnação e muitos pagãos também haviam conhecido o mesmo verbo, pelo menos em parte, por meio do Logos. Dessa forma, Justino cria que alguns filósofos, como Sócrates e Platão, e alguns sábios da Antiguidade, eram cristãos por terem recebido a sabedoria que provinha do Logos (Cristo), embora conhecendo-o parcialmente. Aos cristãos foi dado conhecer tal qual ele é pela sua encarnação. Mediante essas comparações, Justino associou o conhecimento filosófico ao conhecimento cristão, estabelecendo pontes entre ambos³².

Por meio das reflexões sobre o Logos como fonte de conhecimento e da moral comum³³, “Justino identificou Cristo como sendo a alma do mundo” e propôs haver uma continuidade da “busca empreendida pelos filósofos durante toda a história da filosofia grega e que se deu na pessoa de Jesus Cristo”³⁴.

Conquanto tenha defendido a filosofia cristã e os cristãos, Justino teve que encarar a própria defesa de sua fé, diante das autoridades romanas. Sua firme convicção da verdade de Cristo levou-o a enfrentar a morte de mártir, por volta de 165 d. C., em Roma. Eusébio de Cesareia comenta que, pouco tempo depois de dedicar as apologias aos imperadores, defendendo a doutrina cristã, foi ele mesmo “adornado com o sagrado martírio”³⁵. Segundo consta nos escritos históricos, Justino teve desavenças com Crescente (ou Crescêncio), um filósofo conhecido

descendência da alma. Mas, em retorno para Deus, o homem se libertará finalmente do corpo físico, e habitará nos mundos da imortalidade”. (CHAMPLIN, 1995, p. 116).

³¹ González, 1995, p. 33.

³² Idem.

³³ Fluck (2009) p. 33 explica que o que se entendia na filosofia como razão universal imanente em todas as coisas foi relacionado como semente racional de todo ser humano (Logos spermatikós, ou semente do logos).

³⁴ Idem, 2009, p. 33. A busca pela verdade conduz a Cristo, que é o Verbo, o Logos de Deus. Justino acreditava que a lei de Deus serviu de alicerce para conduzir a Cristo da mesma maneira que a filosofia, já que, para ele, “toda a verdade é verdade de Deus” (Hatzenberger, p. 1).

³⁵ Eusébio de Cesaréia, 2002, p. 88.

como cínico, e, em alguns debates, Justino o havia repreendido na presença de seus ouvintes. Num desses debates, o filósofo Crescente desafiou Justino acerca do cristianismo e este saiu vencedor, o que induziu Crescente a buscar vingança, acusando seu adversário perante os tribunais³⁶. Sendo amigo do prefeito Júnio Rústico, que havia sido um dos mestres de filosofia do imperador, Crescente acusou a Justino e seis de seus discípulos, entre eles uma jovem de nome Caridade. O juiz tentou convencê-los a negar sua fé, “mas Justino respondeu que, depois de haver estudado toda classe de doutrinas, havia chegado à conclusão de que a cristã era a verdadeira, e que portanto não estava disposto a abandoná-la”³⁷. As últimas palavras de Justino diante de Rústico foram:

Nosso mais ardente desejo é sofrer por amor a nosso Senhor Jesus Cristo, pois este sofrimento se nos converterá em motivo de salvação e confiança diante do tremendo e universal tribunal de nosso Senhor e Salvador. Faça o que quiseres, porque nós somos cristãos e não sacrificamos aos ídolos³⁸.

Diante da recusa de Justino e dos discípulos em negar sua fé, o prefeito ordenou sua execução. Estes, glorificando a Deus, foram açoitados e em seguida decapitados. Alguns dos fiéis levaram seus corpos às escondidas e os enterraram em local conveniente³⁹.

A vida de Justino pode ser comparada à de Paulo no que diz respeito a descendência e defesa do cristianismo junto aos gentios. Ambos tinham vivido entre judeus e gentios, tinham boa formação e usavam da argumentação para convencer judeus e gentios a respeito de Cristo. Ambos foram martirizados em Roma, em decorrência da sua fé⁴⁰. Convertido ao cristianismo, não deixou de ser filósofo, dedicando-se a expor uma filosofia cristã, explicando a relação entre o cristianismo e a sabedoria clássica. Ao chegar o momento de testificar sua fé em Cristo perante as autoridades greco-romanas, o fez com firmeza em prejuízo da própria vida, tornando-se mártir⁴¹. Embora não tenha apresentado o cristianismo da forma como hoje o conhecemos, pode-se afirmar que ele foi quem melhor explicou e defendeu as crenças cristãs, promovendo o desenvolvimento da teologia e apologética da Igreja nos seus primórdios.

³⁶ Justino acusava Crescente de pederasta, além de afirmar que os filósofos eram glutões e embusteiros, o que foi a causa do martírio de Justino (idem, p. 88).

³⁷ González, 1995, p. 75.

³⁸ ROPERÓ, Alfonso. *Lo Mejor de Justino Mártir*, Barcelona: Editorial Clie, 2004, p. 36.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Hatzenberger, 2012.

⁴¹ González, 1995.

5 Obras de Justino, o Mártir em defesa da fé cristã

Como amante sincero da verdadeira filosofia, Justino continuou a se exercitar na filosofia grega, adotando, porém, os ideais cristãos e defendendo a filosofia cristã e a verdade, o que é percebido em suas obras. Eusébio de Cesareia cita que: “Justino deixou-nos um grande número de obras, extremamente úteis, testemunho de uma inteligência cultivada e empenhada nas coisas divinas”⁴². Entre suas obras, o autor destaca⁴³: duas *Apologias*, discursos apologéticos dirigidos a Antonino Pio, seus filhos e ao senado romano, e a Antonino Vero; *Discurso aos Gregos*, onde discute questões filosóficas e cristãs e a natureza dos demônios; livro contra os gentios, com o título *Refutação*; obra “Sobre a monarquia de Deus”, onde demonstra essa soberania nas Escrituras e nas obras dos gregos; e outras obras, como *Psaltes* e *Observações sobre a Alma*, propondo questões e opiniões prevalentes entre os filósofos gregos a serem refutadas; *Diálogo com Trifão*, onde discursa sobre as profecias dos hebreus e menciona o Apocalipse de João. Além destas, outras obras de Justino são citadas por Irineu. Suas obras, em geral, eram dirigidas contra os hereges, em especial os gnósticos e Marcião, mas também escreveu alguns tratados filosóficos.

No tratado “Contra Márcion”, refuta os ensinamentos deste que instigavam a crer em outro deus maior do que o Criador, proferindo blasfêmias e negando que o Criador do universo seja o Pai de Cristo. Embora Marcião fosse considerado cristão, ensinava que o Antigo Testamento não devia ser seguido pelos cristãos por ser muito diferente dos ensinamentos de Cristo. Os judeus, por sua vez, também diziam que os cristãos interpretavam mal o Antigo Testamento, vendo nele a preparação para a vinda de Jesus. Essas discussões propiciaram a Justino escrever *Diálogo com Trifão*, onde ele argumenta com o judeu Trifão acerca da relação entre a fé cristã e o Antigo Testamento, utilizando-se de tipologias, visando a demonstrar como se interpreta o Antigo Testamento⁴⁴, afirmando que “[...] o Antigo Testamento aponta para Jesus principalmente de dois modos: mediante suas palavras proféticas e mediante atos e ações que são ‘figuras’ ou ‘tipos’ que também apontam para Jesus”⁴⁵. A interpretação tipológica de Justino baseia-se nos próprios fatos históricos, em particular, nos da vida de Jesus.

⁴² Eusébio de Cesaréia, 2002, p. 90.

⁴³ Eusébio de Cesaréia, 2002.

⁴⁴ Roper, Afonso. *Lo Mejor de Justino Mártir*, Barcelona: Editorial Clie, 2004, p. 366.

⁴⁵ Daí se entender que o cordeiro pascoal com cujo sangue foram marcadas as portas dos israelitas no Egito corresponde a Cristo sendo morto na cruz, como o cordeiro profetizado

Os debates que empreendia com filósofos e não cristãos em defesa do cristianismo como filosofia verdadeira, e dos próprios cristãos que sofriam a perseguição e martírio em razão da sua fé, levou-o a escrever para as autoridades e o senado romano. Baseando-se em sua fé, no conhecimento filosófico e das Escrituras, no exemplo de vida dos cristãos, e servindo-se de argumentos de autoridades que pleiteavam em favor dos cristãos⁴⁶, Justino compôs duas Apologias que enviou ao Imperador Antonino Pio e seus filhos e ao senado romano, tentando demonstrar que o cristianismo é digno de ser observado, que os cristãos são pessoas boas e sábias, que a perseguição aos mesmos é fruto de ignorância e preconceito, e explica o que ocorre no culto cristão, seus sacramentos e o motivo de rejeição dos ídolos⁴⁷.

A primeira Apologia⁴⁸, escrita em torno de 155, foi enviada a Antonino Pio “conclamando-o a dar um tratamento mais justo aos cristãos e a revogar os decretos de perseguição”. Enquanto explicava e defendia sua fé, discutia com as autoridades romanas sobre o erro de perseguir os cristãos, afirmando que deveriam ser unidas forças ao cristianismo para combater a falsidade dos sistemas pagãos.

A segunda Apologia (considerada por muitos como um anexo, adendo da primeira) foi enviada ao senado romano por volta do ano 160 d.C. Nesta, mostra com maior veemência e inconformismo seu desagrado diante do injusto tratamento dispensado aos cristãos e apresenta o Cristo-Logos como o agente que executou o plano da criação e salvação divino. Destaca a sabedoria dos filósofos como proveniente do Logos (Deus) e afirma que Cristo é o Verbo, manifestado por nós, tornado corpo, razão e alma⁴⁹. Ainda nessa Apologia, atribui a Cristo a expressão “Logos Spermatikos” (verbo seminal), sendo dEle que procedem todas as coisas⁵⁰.

por Isaías 53:7. González, Justo L. *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*. Santo André-SP: Editora Academia Cristã Ltda, 2005, p. 388.

⁴⁶ Um dos argumentos anexados à Primeira Apologia por Justino é a carta de Serenio Graniano, governador, que enviou a Adriano, pai de Antonino, uma carta onde considerava não ser justo o tratamento dado aos cristãos, sem acusação, e refutando a condenação à morte sem julgamento. Este ordenou que ninguém fosse julgado sem denúncia e sem acusação razoável, argumento que Justino utiliza em favor dos cristãos, na apresentação da defesa perante Antonino e o senado romano. Eusébio de Cesareia, 2002, p. 81. Ver também Olson, Roger. *História da Teologia Cristã*, São Paulo: Vida, 2001, p. 58.

⁴⁷ Eusébio de Cesareia (2002).

⁴⁸ Matos, Alderi Souza de. *Fundamentos da teologia histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 34.

⁴⁹ *Patrística*. Justino de Roma. São Paulo: Paulus, 1995, p. 100.

⁵⁰ *Ibid.*, p.104

Em defesa dos cristãos, apresentou o relato de exemplos de pessoas que haviam sido perseguidas e mortas tão-somente pela fé em Cristo, muito embora demonstrasse uma vida digna⁵¹. A isso se opunha Justino em suas apologias, sendo sua primeira meta defender os cristãos pelo tratamento injusto recebido, que considerava como preconceito e ignorância, já que os imperadores e governadores sentenciavam os cristãos somente por prestarem um culto a um Deus diferente dos deuses gregos e romanos. Justino enfatizou que os cristãos adoravam ao Deus verdadeiro, ao Pai, Filho e Espírito Santo, com razão e verdade e, por isso, não havia razão para perseguir e matar os cristãos somente pelo nome que professavam⁵².

Alegava ele que a vida e o exemplo dos cristãos demonstravam que eles obedeciam às leis de Roma, mas, quanto à sua fé, tinham em Deus seu líder maior. Buscando um reino eterno, futuro, não estavam ameaçando o reino terreno de Roma, prova disso é que morriam serenamente, crendo que suas vidas seriam restauradas para o reino de Deus. Sua vida e conduta de paz deveria ser seguida pelas autoridades, pelo código moral com que se conduziam, crendo que um dia estariam diante de Deus e deveriam prestar contas de seus atos. Eram fiéis pagadores de impostos, ensino dado por Jesus (Mt. 22:20-21) e sua vida correta estava em acordo com a filosofia grega. Assim, os cristãos, como o próprio Justino, adoravam a Deus mas prestavam obediência aos reis e governantes dos homens, como Cristo ensinou⁵³.

Assim, diante do senado romano e do imperador, Justino defendeu o cristianismo como verdade, em suas *Apologias*. Essa defesa foi importante, já que “a razão e a busca da verdade eram muito valorizadas pela intelectualidade romana” e o cristianismo deveria ser mostrado como uma crença racional⁵⁴. Utilizando-se da crença do Logos, Justino demonstrou a verdade do cristianismo desde a vinda de Cristo, o Logos de Deus, predita por milhares de anos pelos profetas hebreus, mediante o ensino do Espírito Santo⁵⁵.

⁵¹ Ver relato de Justino na defesa apologética entregue a Antonino Pio (Eusébio de Cesaréia, 2002).

⁵² Walde, Rick, 2000.

⁵³ Idem, p. 1.

⁵⁴ Idem, p. 1.

⁵⁵ Assim expôs Justino em sua Apologia: Nos livros dos profetas, de fato, nós encontramos a Jesus nosso Cristo predito como vindo a nós nascido de uma virgem e pregando a humanidade, curando cada enfermidade e doença, ressuscitando mortos, sendo odiado, irreconhecido e crucificado, ressuscitando, ascendendo ao Céu e se chamando e realmente

Para Justino, portanto, o cristianismo era a “alta razão”, e Jesus era o cumprimento das profecias antigas de que Ele viria como Filho de Deus, e essas profecias eram anteriores aos filósofos gregos, o que por si já dava credibilidade a elas. Sendo o Logos a “razão pré-existente, absoluta, pessoal, e Cristo a encarnação dele”, o cristianismo contém a racionalidade necessária para ser aceito e compreendido pela filosofia grega. Dessa maneira, defendendo o cristianismo, Justino fez a defesa da fé cristã, referindo-se à fé em Cristo como forma de justificação e transformação, sendo essa fé totalmente racional⁵⁶.

Muito embora a Teologia de Justino tenha algumas interpretações questionáveis, sua obra como um todo contribui para explicar a fé cristã baseada nas Escrituras como a fonte suprema de autoridade, cujas profecias podem ser compreendidas somente pela Graça de Deus⁵⁷. Seus escritos voltam-se para a pessoa de Cristo e Sua obra, sendo Justino o primeiro teólogo a tentar explicar a relação de Deus Pai com o Verbo, a Teologia trinitariana e a visão do porvir e crença no Reino Milenar. Sua teologia ganhou destaque pela erudição e fervor manifestado em seus escritos, sendo ele um marco na história da igreja e um referencial inspirador da autêntica fé cristã para todas as gerações.

6 Considerações finais

Justino pode ser considerado um embaixador da Palavra de Deus no século II. Apesar de sua limitada compreensão das Escrituras Sagradas, foi o principal apologista da fé cristã em sua época, apresentando o Evangelho perante a classe greco-romana de forma consistente, apoiando-se na filosofia, nas Escrituras, na vida e ensinamentos de Cristo e na vida prática dos cristãos. Seu conhecimento e seu poder argumentativo possibilitaram demonstrar aos não cristãos, aos filósofos e autoridades a defesa da fé. Por isso, tem muito a nos ensinar no que diz respeito a se ter consistência na Palavra de Deus.

O apóstolo Pedro, em sua primeira carta, incentiva os cristãos que estavam sofrendo perseguições por causa de Cristo com as seguintes

sendo o Filho de Deus. E que Ele enviaria certas pessoas a cada nação para fazer conhecido estas coisas e que os gentios acreditariam [antes que os judeus] nele. Ele foi predito, em verdade, antes que Ele realmente aparecesse, primeiro cinco mil anos antes, depois quatro mil anos, então três mil, então dois mil, então mil e finalmente oitocentos. Por isso, novos profetas vieram anos depois.

⁵⁶ Schaff, 1910, p. 723.

⁵⁷ Patrística, Justino de Roma, São Paulo: Paulus, 1995, p.198.

palavras: “[...] antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós”. (1Pe 3.15). Estar preparado para responder equivale a estar firmado na Palavra e apresentar a verdade baseada nela. Para tristeza, não são poucos os cristãos que, quando confrontados, são ridiculizados em razão da superficialidade, demonstrada em sua crença.

A fé deve ser explicada de maneira inteligível e coerente de acordo com o registro bíblico, considerando que o resultado de convencer, em última instância, é do Espírito Santo. Paulo faz a Timóteo várias recomendações pertinentes a este assunto: “Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido”. (1Tm 4.6); “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”. “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina”. (1Tm 4.12, 16a); “Tu porém, permanece naquilo que aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”. (2Tm 3.14,15).

Tanto quanto no tempo dos primeiros cristãos, hoje se faz necessário levantarem-se cristãos apologistas. O apologista cristão deve ser alguém que demonstra intenso apreço pelos preceitos do Senhor. O conselho divino é o seu prazer e paixão, o coração se inflama com a santa doutrina. Notável ilustração deste aspecto são as declarações contidas no Salmo 119: “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo dia”; “Admiráveis são os teus testemunhos; por isso, a minha alma os observa”. (Sl 119.97,129).

Justino amava ao Senhor e as Escrituras, intensamente! Sendo assim, o apologista cristão não somente é alguém conhecedor da Palavra de Deus, mas alguém disposto, quando necessário, a debater com mansidão ao defrontar-se com heresias que pervertem a verdade. É de Judas, o irmão de Tiago, a exortação: “Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”. (Jd 3).

Justino foi até as últimas consequências nesta batalha da fé, o custo da própria vida, e nos deixou exemplo de que preparo, amor e disposição para expor a verdade são as marcas do verdadeiro apologista. Que Deus nos conceda a graça de anelarmos tal condição.

Referências Bibliográficas

- BORTOLLETO, Fernando. SOUZA, J. Carlos. KILPP, Nelson (eds). **Dicionário brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**. v. 1. São Paulo: Candeia, 1995.
- EUSÉBIO de Cesareia. **História eclesiástica**: os primeiros quatro séculos da igreja cristã. Trad. de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.
- FLUCK, Marlon Ronald. **Teologia dos pais da igreja**. Curitiba: Escritores Associados, 2009.
- GONZÁLEZ, Justo L. **A era dos mártires**. v. 1. Trad. Key Yuasa. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Santo André-SP: Academia Cristã Ltda, 2005.
- HATZENBERGER, Dionisio. **História da igreja**. 2012. Disponível em: <<http://hist-igreja.blogspot.com.br/p/cristianismo-nos-seculos-i-e-ii.html>>. Acesso em: 03 abr 2013.
- MATOS, Alderi Souza de. **Fundamentos da Teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico. **História da Literatura cristã antiga grega e latina**. I – de Paulo à Era Constantiniana. São Paulo: Loyola, 1996.
- OLSON, Roger. **História da Teologia cristã**. São Paulo: Vida, 2001.
- PATRÍSTICA. **Justino de Roma**. São Paulo: Paulus, 1995.
- ROPERO, Alfonso. **Lo mejor de Justino mártir**. Barcelona: Editorial Clie, 2004.
- SCHAFF, Phillip. Ante-Nicene Christianity: A.D. 100-325. v. II. In: **History of the christian church**. Grand Rapids: Eerdmans, 1910.
- VILA, Samuel; SANTAMARIA, Dario A. **Enciclopédia ilustrada de história de la iglesia**. Barcelona: Editorial Clie, 1989.
- WALDE, Rick. **Justino mártir**: defensor da igreja. 2000. Disponível em: <<http://logoshp.6te.net/APO25.htm>>. Acesso em: 03 abr 2013.

WHITE, Ellen. **O conflito dos séculos**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

WHITE, Ellen. **Atos dos apóstolos**. Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

XAVIER, Érico T. Teologia da prosperidade: história, análise e implicações. **Kerygma**, a. 5, n. 2, p. 120-147, 2. sem. 2009.

**Prof. Dr. Erico Tadeu Xavier*

Doutor em Teologia e professor no
Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, Bahia.